

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**
Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
Endereço telegráfico: **Talhaba — Lisboa** — Telefone?
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Indignas mentiras

Se tomássemos por preceito desmentir as absurdas atoardas, as estúpidas notícias que a imprensa, a nosso respeito, assiduamente publica, não nos chegaria o jornal de cada dia para fazê-lo. Deixamos por isso as mais das vezes falar quem fala, pois que as mentiras estúpidas caem por si, sem que jamais alguém as tivesse tomado por verdades. Contudo, mentiras há, reveladoras duma tal perversidade, duma tal odiosa má fé, que aí nos temos, por vezes, a pegar na pena, quebrando assim o mutismo habitual.

De há dias a esta parte anda um jornal dando curso a boatos fêrricos, repelentes à iminência dum movimento revolucionário no país. Movimento de que carácter? Não o diz claramente o jornal em questão. Não o diz para poder a vontade misturar e confundir, nos vagos informes que propina, modismos com elementos avançados. Estes informes não tem evidentemente fundamento algum. Forja-os a imaginação dum redactor encarregado desta obra de mentira e malevolência, que seriamente embaraçado se veria, quando convidado a isso, para provar a veracidade do que propala.

Noticiou o jornal a que nos vimos referindo a partida da Lisboa, para vários pontos do país, de "agitadores conhecidos" encarregados duma qualquer missão de propaganda. Mas agitadores de que espécie? Se pretende o mentiroso referir-se a elementos sindicalistas, fale com inteira clareza, para podermos daqui opor o mais formal e mais completo desmentido às suas mentiras.

Diz ainda o mesmo jornal que para "agitadores de profissão" chegou de Espanha ultimamente dinheiro fresco em abundância. Mas ainda esta insinuação aparece dúbio, não se precisando a veracidade de agitadores é a desses que a Espanha subsidia, para promover movimentos insurreccionais no nosso país.

A fábula deste jornal e a dos que com ele empacaram nos processos percebidos. Em vez de acusar, apresentam-se em lugar de afirmar, apresentando dúvidas, suspensas, interrogações venenosas como mordeduras de víbora. Mas com o intuito de fugir às responsabilidades que as afirmações claras poderiam acarretar, conservando-se a vantagem de perceber o leitor aquilo que, secretamente, disfarçadamente, cobardemente se lhe diz.

Agitadores profissionais, agentes habituais de desordem, são classificações que nos não podem ser aplicadas com verdade e justiça. Revolucionários somos, é certo, e sempre com inteiro desassombro o afirmámos. Mas revolucionários exactamente porque ambicionamos o verdadeiro, a perdurável ordem que só pode existir numa organização social em que os interesses de todos livremente se equilibrem, a garantir uma harmonia inalterável.

Bolchevistas não o somos igualmente. A revolução russa é verdade que pode ser para nós um incentivo, mas nunca um modelo. Habitados a falar sem receio e sem temor, com pena de todas as penas, nada obstará a que confessásemos francamente as nossas tendências bolchevistas, se acaso elas caracterizassem os nossos ideais. Estamos aqui no exercício duma missão que é, essencialmente, de propaganda. Para fazer a propaganda duma ideia é necessário expô-la inteiramente, profundamente. A sermos bolchevistas já desta doutrina teríamos feito o rasgado elogio, ponde em plano inferior a organização sindicalista. Ora a verdade é que, nas nossas referências à constituição política da Rússia apenas nos temos preocupado em restabelecer a verdade dos factos, a desmentir muita infâmia, muita calúnia de que a imprensa burguesa se faz eco.

A respeito da revolução russa temos publicado muitos depoimentos, colhidos em fontes que nos merecem crédito, e muitos pareceres, de criaturas que reputamos honestas e dignas de aprego. E não poderá dizer quem habitualmente nos lê que só a pareceres e depoimentos abertamente favoráveis tenhamos dado publicidade. Queremos nós também — quantas vezes o temos afirmado! — fazer a revolução emancipadora, derrubar a iniquidade e a tirania, restabelecer a igualdade económica, abolir privilégios, libertar os espíritos. Simplesmente, esta resolução, tal como a ambicionamos e visionamos, não se assemelha à revolução russa, nem nos fins, nem nos meios.

Nem agitadores nem bolchevistas, é evidente que nos não devíamos sentir atingidos com as insinuações referidas da imprensa burguesa. Mas nós sabemos bem que nos vemos dirigidas as setas empenhadas da outra imprensa. Não é que nos sintamos picados, como sói dizer-se: é, apenas, que nos não falta a vista para ver, nem os ouvidos para ouvir, o entendimento para perceber.

Esta imprensa que indirectamente nos ataca merece-nos um profundíssimo desprazo, e bem sentimos que é mal empregado o tempo que com ela gastamos. Não podemos contudo furtar-nos, de longe em longe, a exteriorizar a indignação e a repulsa que tam baixos processos provocam em nós.

Os processos de Setúbal

SETÚBAL, 15.—C.—O conflito aqui decorrido por causa da carestia da vida, já terminou, tendo os operários recebido o trabalho, vindo-se ainda as patrulhas por forças da guarda municipal, cavalaria e artilharia, e infantaria 11.

Sobre o abastecimento da cidade, são suscetivas as mesmas bichas às portas dos estabelecimentos e do quartel infantilaria 11 para se adquirir os produtos indispensáveis, que se vendem por preços exageradíssimos. O pão vende-se em abundância nas padarias, mas (17) o quilo, o que não está em relação com o diminuto salário que os operários auferem. Uma comissão de industriais de padaria foi pedir ao comandante do regimento para que não vendesse mais pão da Manutenção Militar para não serem prejudicados, querendo, por esta forma, obrigar o povo a comprar-lhe em suas casas pelo preço que apontamos.

A porta do quartel juntou-se um numeroso grupo de operários das fábricas de conservas que reclamou contra o pedido dos padeiros, pois não podem comprar o pão pelo preço que lhes querem, indo depois o comandante da associação das operárias conseguir acalmar os ânimos exaltados pela reclamação dos industriais e padarias.

Apresente da classe, Maria Luiza, que a comandante que tanto ela com as suas conselheiras não podiam pagar pelo por \$70 o quilo, quando há pouco custava \$32, sendo além disso de qualidade ao que em Lisboa se vendia \$40, com o que aquela senhorinha concordou, pôsto que lhe tivessem mostrado os pães citados para verificar a verdade que ela afirmara.

Apesar, pois, de promessas, continuamos na mesma, sem generos e os que há caríssimos.

Prisões arbitrárias

Foi preso em Setúbal, o nosso camarada J. Maria Major, manipulador de

Motivo da prisão ignoramo-lo. Mas ser como muitas outras, arbitrárias. Revista-se.

MUNIÇÕES PARA "A BATALHA"

Transporte.....	11.881\$54
Correio.....	1\$40
Quete em Sacavém.....	6\$50
Idem na assembleia dos Frateiros do Porto de Lisboa.....	8\$28
Associação dos Maquinistas Fluviais do Porto.....	10\$00
António Maria Godinho, ferroviário da C. P.....	2\$50
Quete aberta em Torres Novas na inauguração do Sindicato Misto.....	12\$10
Quete na litografia Nunes.....	2\$80
Marques Baptista.....	1\$50
Associação dos Corticeiros de Almada, quete.....	4\$00
José Ribeiro.....	2\$50
João Leão de Castro.....	2\$50
Quete entre o pessoal do tróço do mar da Companhia Nacional de Navegação — Contribuintes:	
Eduardo Joaquim.....	\$50
Luís de Almeida.....	\$10
Avelino Luís.....	\$20
Figueiredo.....	\$20
Manuel Nunes.....	\$50
José da Cruz Ramos.....	\$50
António dos Santos.....	\$10
José Sarinho.....	\$10
Pereira.....	\$10
João de Mira.....	\$20
Augusto Ferreira.....	\$20
Urbano Lage.....	\$30
Abel Pereira.....	\$20
Francisco Duarte.....	\$20
Manuel Augusto Paulo.....	\$20
João Lemos dos Santos.....	\$20
Aníbal Baptista.....	\$20
Alvaro Martins.....	\$30
Hipólito Joaquim.....	\$30
António Caetano Gaspar.....	\$20
José Maria Antão.....	\$20
Reinaldo Machado.....	\$20
João de Costa.....	\$10
António Pires.....	\$10
Manuel Freitas.....	\$20
João Augusto.....	\$20
Manuel Rodrigues.....	\$15
Pé de Xarim.....	\$10
João Palma.....	\$10
Alfredo Figueira.....	\$10
Abílio Augusto Esteves.....	\$10
José dos Santos.....	\$10
José Garcia.....	\$20
José Godinho.....	\$15
Tribolim.....	\$15
José Cadima.....	\$50
Cesar Lima.....	\$10
Manuel Correia Júnior.....	\$10
José da Cunha.....	\$10
José de Oliveira.....	\$50
João da Fonseca.....	\$20
António Correa Júnior.....	\$20
Miguel Antunes Júnior.....	\$30
José Vicente Gouveia.....	\$30
Leão.....	\$10
Valério Rijo.....	\$10
José de Andrade.....	\$10
José Simões.....	\$15
Carpinteiros:	
João da Silva.....	\$10
Alvaro Alves.....	\$10
Jacques.....	\$15
Júlio Ferreira.....	\$10
Evaristo Carlos.....	\$20
Vasco.....	\$10
António.....	\$10
Rebello.....	\$10
Castanheira.....	\$10
Serralheiros:	
Germano Pinto.....	\$50
Miguel Coelho.....	\$10
Assunção.....	\$10
Horácio Matias.....	\$30
Carlos Nunes de Almeida.....	\$30
João Lourenço.....	\$20
Fortunato.....	\$20
Anónimo.....	\$10
Aldeia.....	\$10
Matias.....	\$10
José dos Reis.....	\$10
António.....	\$10
José de Sousa.....	\$10
Costureiras de bandeiras:	
Virgínia.....	\$10
Antónia.....	\$10
Cristina.....	\$10
Augusta.....	\$10
Mariana.....	\$10
Mariana da Conceição.....	\$10
Clara.....	\$10
Joquina Serra.....	\$10
Armazéns:	
Brito Aranha.....	\$10
Luís Freitas.....	\$10
Manuel de Sousa.....	\$10
Fortunato.....	\$10
Velho do Cais.....	\$10
Tanoeiras:	
José Maurício.....	\$20
Eduardo Augusto.....	\$10
António Soares.....	\$30
José.....	\$20
João Serra.....	\$10
Calafates:	
Jerónimo Martins.....	\$10
Alfredo Pedro.....	\$10
João Duarte.....	\$10
Rodríguez.....	\$10
Vasques.....	\$10
Barreiro.....	\$10
Quete aberta na oficina da Tanoeira do Sr. Silvestre, no Poço do Bispo. — Contribuintes:	
Gil Fernandes Eira.....	\$100
Manuel Ferreira.....	\$100
Alcino da Silva.....	\$100
Eduardo Baptista.....	\$100
Júlio Filipe.....	\$100
Adriano Augusto da Silva.....	\$50
Alfredo Elias.....	\$50
José Guia.....	\$50
José Sangalho.....	\$50
Manuel Coelho.....	\$50
Manuel Caetano.....	\$50
Manuel Marujo.....	\$50
Caetano da Silva.....	\$50
António Joaquim.....	\$50
Transportar.....	12.007\$40

A questão da água A REVOLUÇÃO DA FOME

Ouvindo verdades — A Companhia mente Que fará o ministro do comércio?

Como se sabe o pessoal da Companhia das Águas fez as suas reclamações de aumento de salário, devido à situação verdadeiramente desgraçada que está atravessando. A Companhia tratou logo de estabelecer por meio da sua imprensa um ambiente desfavorável às pretensões dos seus empregados, lamentando-se, ao mesmo tempo, da impossibilidade de, após o aumento da água, poder satisfazer as reclamações dos empregados.

Tratámos de procurar alguém que conhecesse o assunto a valer, que nos podesse fornecer dados certos a este respeito. Essa pessoa encontrámo-la ontem.

— Ainda bem que te encontramos — dissemos.

— Porquê? — perguntou-nos o nosso camarada.

— Porque desejamos saber o que há a respeito da água. Toda gente fala na água, todos sabem que a água paga mais cara porque a Companhia está pobre e ninguém sabe ao certo o que se passa. Os leitores da *Batalha* querem conhecer a verdade.

— Vieram em boa ocasião — respondemos — porque trago comigo uns apontamentos que vos podem servir.

— Dize-nos já — interrompemos — se a Companhia, aumentando a água tem ou não margem para pagar ao pessoal?

— Ainda lhe sobeja dinheiro. No entanto, para ver se atrapalhávamos o nosso amigo dissemos:

— Mas o director da Companhia, sr. Carlos Pereira, fez constar que o aumento da água dava à Companhia uma receita anual de 400 contos e que a satisfação das reclamações do pessoal importaria em 720 contos.

— Isso é absolutamente falso — exclamou o nosso camarada. Esses números são fantásticos. A verdade é esta: o aumento ao pessoal do quadro monta a 340 contos e do pessoal operário a 100 contos. Isto é, um desembolso total de 440 contos.

— Não há dúvida que a diferença entre 440 contos e 720, como dizia o sr. Carlos Pereira é grande — exclamámos.

— Há mais — continuou o nosso amigo. A receita da Companhia com o recente aumento não é de 400, mas sim de 640 contos. De maneira que, sendo as reclamações de 440 contos ainda a Companhia mete em coiro o melhor de 200 mil escudos.

Ficámos inteirados. Aquele camarada mostrou-nos mapas comprovativos dos números acima indicados. O cálculo de aumento de salário foi feito sobre um

número de pessoal que a companhia não tem completo. Os números são convincentes com eles não se pode discutir, são irrefutáveis.

Estivemos ainda conversando durante algum tempo, sobre o péssimo serviço de reparações. O nosso camarada contou-nos coisas interessantes, que desejamos dizer-las aos nossos leitores.

— Sabem quanto leva a Companhia por vedar uma torneira?

— Um escudo e vinte centavos! E daí a uns dias a torneira encontra-se como se não tivesse sido arranjada, ficando o consumidor arriscado a pagar 5500 de indemnização de consumo, caso o fiscal apareça. Pois, este arranjo custava anteriormente 10 e como o material era bom, não se corriam tantos riscos de multa.

Ficámos um momento calados, pensando na sorte que nos espera, mais dia menos dia. Em seguida o nosso camarada continuou:

— Uma substituição de sistema de contador, que custava antigamente uma bagatela, representa hoje um dispêndio mínimo de 5500. Mas quando lhes apetece levam muito mais. Tudo isto são fontes de receita com que não contamos, mas que somadas ao fim do ano, são alguma coisa...

Voltámos depois às reclamações do pessoal.

— Que disse ou fez o ministro do comércio a favor dos vossos pedidos? — perguntámos.

— Quando o pessoal reclamou do referido ministro a garantia de ficar o aumento exarado no decreto, respondeu-nos este que o aumento da água se destinava quase exclusivamente ao pessoal, sendo desnecessária, portanto, tal formalidade. Porém, o sr. Carlos Pereira, que fez espalhar esses boatos que desfiz agora com os números que lhes mostrei, quer que o aumento se destine todo à companhia para que esta depois pague ao pessoal como entender.

— Cremos que isso seja *truc* do sr. Pereira — dissemos nós.

— Talvez — respondeu-nos, sorrindo. No entanto, o pessoal não está disposto a abdicar de reclamações que, em face da carestia, nada representam quasi...

Despedimo-nos, depois de termos obtido a promessa de voltar ao assunto, caso seja necessário.

E eu sei muitas coisas que lhes interessam, disse-nos o nosso camarada, afastando-se.

UMA CARTA

Amigo e camarada Mário Domingues:

Depois do turbilhão dos acontecimentos que vão desde a tua prisão às reuniões de protesto promovidas pelo C. G. T., a ansiedade, os múltiplos impulsos e o atabalhoamento de impressões que me agitam violentamente constituem, creio, material abundante para uma carta curiosa, porque afinal uma carta é, como tu sabes, um torvelinho de conceitos, expresso numa vertiginosa inconsequência, mas em que a verdade reflete, aquecida no agasalho exultante duma intimidade confortativa.

Dirás talvez que esta ansiedade é injustificável, e que melhor se a moldaria a quem como tu se encontrava sem notícias, refundindo revolucionarismos na atmosfera pestilenta dum calabouço. Concordo, mas tu, meu caro Mário, tu és um sereno, um irrepreensível militante que considera o ataque como uma consequência, e não um impulso. O artigo que tanto sobressaltou a apatia morna do nosso meio estagnado, não foi o pedregulho arrojado ao charco para inquirir do coarçar das águas. Era justíssimo que assim fosse. Eu faria assim, tu não. O teu artigo foi a realização sobria do teu trabalho cotidiano, o integral desempenho da tarefa que a ti próprio te impuzeste de caminhar para a verdade, dia a dia, sem tibiça, tomando apenas os factos por balizas.

O teu artigo é uma etapa dessa jornada. Tu não a descreves, colorindo-a com o requinte da tua imaginação. Fizeste melhor: trouxe-te-nos a última baliza, mostrando-nos mais um facto, sem investigares se a tua exposição escandalizava ou se traria a tua morte.

— Isto não é metáfora, tu sabes bem o sítio em que as balas furaram o casco do nosso camarada de trabalho Augusto Machado.

Ora, desta maneira tu não poderias sentir a ansiedade de que te falo, mas eu...

Depois do ultraje à organização, resultante do assalto à *Batalha* e à Federação da Construção Civil, a minha ansiedade bordava esta interrogação:

— E agora? Que fará a massa trabalhadora?

Que fará uma classe súbitamente despertada ao ruído de alguns tiros, que por pouco não mataram um dos redactores do jornal onde essa classe vê reflectidas as suas mais belas e mais íntimas aspirações?

E a ansiedade galopava desenfreadamente. Tu compreendes.

Continuamente um marasma assustador estola todas as iniciativas, prostrando por vezes alguns orientadores, que desorientados chegam a clamar:

— Já a chicote é que esta gente pode caminhar!

Gravíssimas circunstâncias que poderosamente interveem nos fundamentos da

existência, nem um ordeiro protestos conseguem arrancar, e uma crise de ideal, prevendo todos os ossimentos, retrai as multidões, num egoísmo, numa descrença tal que, em horas noturnas de profundo recolhimento, algumas frases de desânimo vieram preencher as nossas consciências.

Acrescentando, ainda, uma falta de preparação, uma confusão terrificante nas concepções; misturam tudo: egoísmo com o sentimento de independência individual, desordem de sentimentos e incapacidade de seguir um plano ou um ideal, com anarquismo; tudo isto diluído na mais espantosa ignorância que pode vitimar um povo como o nosso, arrebatado e efectivo, e dirás, amigo Mário, se não deveria ser de incerteza, a hora que precedeu a manifestação de protesto, promovida pela C. G. T.

...Mas essa incerteza ainda permanece quasi intacta. A manifestação de protesto não chegou a realizar-se. Os operários manifestaram-se ordenadamente, e essa mesma ordem com que pretendiam responder a uma tentativa de assassinato e ultraje à organização, foi interrompida.

Uma grande parte dos oradores inscritos viram cortada a sua palavra, por uma ordem do Governo Civil.

Os entusiasmos dum povo, ávido de se manifestar ruidosamente, foram também abafados com a presença de três polícias da guarda republicana, cavalaria e esquinas, e metralhadoras na Praça de Camões.

— Mas que fazer mais do que se fez? — Não seria um crime desejar mais alguma coisa, dadas as condições de que dispunha a massa operária diante das metralhadoras da guarda?

Eu estou a ver, meu caro Mário Domingues, a tua serenidade a abandonar-te para me increpar, censurando estes meus impulsos.

Eu não te disse que esta carta, era um atabalhoamento de impressões que o meu espírito fixou no decorrer dos acontecimentos?

E a propósito, para finalizar, (tu não dirás que faria amanhã a massa proletária, se os ultrajes e as tentativas de assassinato, perpetrados por um bando de sicários, se repetirem, porque é lógico, muito lógico mesmo que se repitam?) As manifestações de protesto realizar-se-ão — ordenadamente?

Muito grato te ficaria pela resposta porque receio ver mal a questão.

O que é sempre teu amigo,

Eduardo FRIAS

Trabalhadores: Lêde e propaga a *BATALHA*.

O programa educativo, será dividido nos seguintes partes: primária, técnica, moral, sociológica recreativa, educativa.

Quanto à parte primária, impõe-se a criação de aulas de primeiras letras para os analfabetos.

Com a sua política indecisa, titubitante e senil querendo isentar as famosas forças vivas da guilhotina popular e ao mesmo tempo obstar que os vertiginosos déficits orçamentais nos levassem a uma derrocada pavorosa — entendeu o governo que bom seria decretar a fome em Portugal, metendo o operariado de Lisboa num círculo feroz de baionetas que relampejam traiçoeiras por praças e esquinas. A última lei sobre o pão sobrecarregando o preço e diminuindo a produção com os seus desvios e envergamentos que propiciam à alta quadrilha financeira porta aberta para todas as roubalheiras, é não só a lápide funeiral de um governo mas ainda a razão clara esmagadora que justifica todas as nossas cóleras e todos os nossos desesperos. Já se sabe que de quando em quando — talvez para fazer crónica — se coilha de sangue as ruas da cidade a cada reclamação de um povo que trabalha e que quer pão; duvidava-se no entanto que o governo num salto de hiena lhe escorresse a pele empalhando-o no berço de ouro dos bancos e companhias que transfundem em Champagne o nosso sangue e transformam em ouro a nossa triste carne de forçados.

Já não havia arroz, batatas, azeite, manteiga, carvão — que se eu? Nada! Jantava-se problemáticamente. As nossas companheiras, os nossos filhos sofriam os insultos da ordem e a impaciência de uma vez que não chegavam, esperando longas horas que da benevolência lodacenta de um mercador ou de um capitalista — que fôra ladrão para África e voltára condecorado — caísse pingue, pingue, a régia mercê de uns tantos géneros avariados, a tróço de uma semana escassa de salário.

As mulheres sofriam. Havia as que choravam, mais fortes outras, crispavam os punhos frenéticos de raiva, mas a bicha lá estava, lá continuava ainda, entre o *casse-lê* alável da polícia e as metralhadoras apertadas do quartel próximo. No entanto, no dia em que pela vez primeira os homens sentiram o humilhante da espera, as indecisões do jantar, o desespero profundo daquelas desgraçadas que sob o sol e sob a chuva aguardavam o momento que não vinha; quando elas constataram que já nem pôam mais compreender que era preciso fazer alguma coisa mais, que era preciso reentrar na sua condição de homens encarando o caso como homens. Eu nada justifico, não me digam, não! que quero incitar. Aponto paldamente uma coisa que vejo, que todos vêem, mesmo através dos trens de luxo ou das vidraças dos automóveis ministeriais.

— Digam-me: o que é que comem? E a resposta unânime é esta que eu ouço em cada rua de janela para janela, em cada lar de ser para ser: "Nada! Morreram crianças porque não havia leite para se lhes dar; nos hospitais perecem doentes à mingua de açúcar e de pequeninas coisas que constituem uma modesta dieta de convalescentes".

Não entanto altos galonados requisitaram esses géneros, esse açúcar para corporações que não tem ao menos a res-

gatar esse pedido a soma do trabalho honesto de cada dia.

Indicá-los? Para quê? O nome está nos vossos lábios sangrentos, gravou-se no coração com ferro em brasa. E preciso porém, tê-la pronta contra qualquer eventualidade, e para isso que importa que as mães estoirem os olhos de lágrimas, a cabeceira dos pequerruchos doentes e que a terra farta dos cemitérios ingorgire de cadáveres?

Na minha frente agora, um jornal qualquer, balcão onde se vendem consciências em almolda e sentina onde todos defecam o nosso desprazo, ornamenta as suas colunas com luminárias vivas para gritar: vitória. E? repente, cheira a morgue, mas o que repito é a afirmação de que recebemos esse decreto com alegria nos lábios e mãos francas de apoio. Os acontecimentos tem mais eloquência que a minha voz, o movimento que se desenha no operariado basta ao que eu escrevo. No *dessert* de Vila Franca, à hora do champagne de S. Ex.^{as}, impôs-se o aumento do trigo. Foi o primeiro passo, e o segundo — não o esqueçam camaradas — foi a chamada de um homem de triste memória que nos abastecimentos inaugurou uma sucursal das *grrr... andes* associações para que elas pudessem sem engulhos simplificar o dever e o haver da sua exploração.

Ah! esqueça-me o artigo, acrescento-mos-lhe um s, lembremos mesmo as indignações com música celestial de sacrifícios compostos, diariamente, com a caixa alta de determinado jornal. Ouviem-nos agora? Não! Limita-se a uma cuidadosa retirada no terreno por ele desbravado. Não grita: murmura um baixinho, tam mansamente que cada um pensa o que eu não digo, aqui para não atolar de lama o aparo simples com que escrevo. E foi corrompendo tudo, enganando a boa fé de uns, querendo amoldar o debate que o caso se fez. Argumenta-se para ahi com 45 mil contos que o estado tinha que pagar actualmente só em trigo, fãla-se em economias, apontam-nos com planos, bambolachas cómicas que qualquer palhaço de feira repeliaria indignado; mas não se diz a quanto montam as contas de saca da guarda verde, a sua manutenção, os seus vencimentos, os seus automóveis as suas munições... as suas consciências! Tudo à farta, é a corte do rei Menalau de Fialho com banquetes e regaços à discrição. Mas ainda mais. Agarram num papel e escrevem: incêndios nos edifícios do estado, luvas de monópolos, transportes marítimos, comissões no estrangeiro, afilhados, funcionalismo, quadrilha dos abastecimentos e tudo o mais que vocês sabem pequenos e grandes roubos, os que se vêem e os que não se dizem, os que se dizem e os que não se suspeitam, os que se suspeitam e não se podem proclamar. A lista é grande, os convivas tem o estômago grande e as mãos largas.

Trepam-nos aos ombros, cospem-nos nas faces, calcam as nossas companheiras, matam os nossos filhos, deportam os nossos irmãos, decretam fome.

O que fazemos? O que fazemos? O que faremos? O que faremos?

Estas aulas funcionariam em cursos noturnos e o ensino seria ministrado indelintamente a crianças, jovens e adultos de ambos os sexos, sócios e não sócios, sob uma pequena retribuição para auxílio do custeio respectivo.

O método de ensino, seria o indicado por uma comissão habilitada e sob os princípios racionais.

Generalizar-se-ia o programa e método escolar, publicando-se no nosso órgão a imprensa.

Torna-se também necessário o desenvolvimento intelectual do jovem no que diz respeito à cultura, à língua, à literatura, e que aquela que nos principiamos a balbuciar e para bom entendimento entre os camaradas que nasceram neste território, assim como o Eupatório para facilitar a conexão com os camaradas de longas viagens e que falam língua diferente da nossa, uma vez que está lá assente, entre nós, o duto do idioma internacional.

O cultivo da arte de contar — críptica — também se impõe, uma vez que todos nós devemos interessar-nos pela questão técnica para a qual a matemática é condição primária.

Para o ensino técnico, também necessário se torna um curso de desenho que nos habilite a desenhar a anatomia, a figura humana, a responsabilidade profissional ou artística.

Todas estas matérias seriam ministradas por cursos e por indivíduos competentes que anotaríamos os respectivos aproveitamentos.

Os conhecimentos gerais de Geografia, Astronomia, História Natural e História Universal, não são de todo desnecessários para os espíritos sedentos de justiça. Além disto, cada uma destas matérias, oferece distração para o espírito e desenvolvimento para o intelecto. Misturado por completo no assunto e por prelectores de jovem decerto não desprezaria tal excelente ocasião de educar o espírito.

Também se impõe o conhecimento de preceitos higiénicos que, dadas as tristes condições, económicas que atravessamos se vão tornando um tanto descuradas na classe proletária, cujos recursos mal chegam para o parco sustento.

Uma vida nova surgirá desse Congresso, as juventudes enveredarão pelo seu verdadeiro caminho. O papel das juventudes não é de violência; os governos na sua habitual incompetência e que as tem levado a isso, por vezes, obrigando-as a praticar o que não querem.

As juventudes sindicais servem para preparar militantes, minorias conscientes. É a consciência que os governos

